PETITES MARTHES: ALUNAS POBRES EM UMA INSTITUIÇÃO CONFESSIONAL.

Dra. Ana Cristina Pereira Lage[1]

Resumo: Este artigo analisa a educação confessional feminina no Colégio de Nossa Senhora de Sion, que funcionou entre 1904 e 1965 na cidade de Campanha, MG. As irmãs da Congregação de Nossa Senhora de Sion foram responsáveis por educar tanto meninas da elite (chamadas de *Meninas de Sion*), como também meninas pobres da região (chamadas *martinhas*, ou *petites marthes*). O tratamento para as alunas era diferenciado: preparavam as primeiras para exercer papéis de liderança familiar e, as meninas pobres, especialmente para o trabalho doméstico. Este artigo busca discutir o tratamento diferenciado dispensado às *Martinhas* nos seus espaços, uniformes e educação. Salienta-se que as diferenças educativas em instituições confessionais católicas femininas fazia parte dos discursos caritativos das religiosas. A pesquisa insere-se na história social, a partir da análise das especificidades de um grupo social e do diálogo com o conceito de gênero. Deve-se trabalhar especificamente com a História das Instituições Escolares, buscando explicar a realidade institucional na sua internalidade e na sua relação com a história da educação.
Palavras – chave: escola confessional; escola de meninas; categorias sociais.

PETITES MARTHES: POBRES ESTUDIANTES EN UNA INSTITUCIÓN CONFESIONAL.

Resumen: En este artículo se analiza la educación confesional femenina en el Colegio de Nossa Senhora de Sion, que se desarrolló entre 1904 y 1965 en la ciudad de Campanha, MG. Las hermanas de la Congregación de Nossa Senhora de Sion fueron las responsables de la educación de las niñas, tanto de élite (llamadas *Meninas de Sion*), así como de las niñas pobres de la región (llamadas *martinhas* o *petites marthes*). El tratamiento para las estudiantes era diferente: las primeras eran preparadas para ejercer el papel de liderazgo de la familia y las niñas pobres especialmente para los trabajos domésticos. Este artículo discute el diferente trato dispensado a las *Martinhas* en sus espacios, uniformes y educación. Destacase que las diferencias educativas en las instituciones confesionales católicas femeninas hacían parte de los discursos caritativos de las religiosas. La investigación se injiere en la historia social, a partir del análisis de las especificidades de un grupo social y del diálogo con el concepto de género. Debemos trabajar específicamente con la Historia de las Instituciones Educativas, buscando explicar la realidad institucional en su interioridad y en su relación con la historia de la educación.
Palabras clave: Escuela confesional; escuela de niñas; categorías sociales.

[1] Professora do curso de História e do Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas, Faculdade Interdisciplinar em Humanidades. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Campus Diamantina. Email: ana.lage@ufvjm.edu.br

PETITES MARTHES: POOR STUDENTS IN A CONFESSIONAL INSTITUTION.

Abstract: This article reviews the female confessional education in Nossa Senhora de Sion School, which ran between 1904 and 1965 in the city of Campanha, MG. The Sisters of the Congregation Nossa Senhora de Sion were responsible for educating girls both elite (called meninas de Sion), as well as poor girls in the region (called martinhas or petites marthes). Treatment for the students was different: preparing the first ones to play the role of family leadership and poor girls, especially for domestic workers. This article discusses the different treatment meted out to Martinhas in their spaces, uniforms and education. It is noted that the differences in Catholic educational institutions confessional female was part of charitable religious discourses. The research is part of the social history, from the analysis of a specific social group and the dialogue with the concept of gender. It should work specifically with the history of educational institutions, seeking to explain the institutional reality in its internality and its relation to the history of education.
Keyword: confessional school; school girls; social categories.

1. Introdução:

> Dia gordo de novidades. Logo pela manhã apareceu Ema, filha da dona Josefina Strambi, riso aberto, ansiosa por dar-me a boa nova: descobrira, por acaso, ótimo colégio onde eu poderia prosseguir meus estudos gratuitamente. [...]
> A escola não tinha nome, nem currículo. Era um anexo de famoso colégio de meninas ricas de São Paulo, o "Des Oiseaux". No mesmo parque onde se elevava o "Des Oiseaux" - ocupando todo um quarteirão — fora construído um modesto pavilhão onde funcionava a escola que eu frequentaria, a das meninas pobres. [...]
> Irmã Calixta mostrou-se interessada em meus conhecimentos na arte de bordar. "Sabe bordar?" Não. Eu não sabia bordar. "Pois vai aprender. Tem vontade de aprender?" As alunas, debruçadas, olhos fixos sobre finas cambraias, bordavam para as freiras, que recebiam encomendas, muitas encomendas. [...]
> Voltei pra casa bastante murcha, mas não disse nada a ninguém que me sentira pouco à vontade naquele ambiente. Eu não desejava desistir, não ia perder a chance de voltar a estudar.
> Durante um ano, freqüentei a escola nos fundos do "Des Oiseaux". Depois, cansei de bordar para as freiras. (GATTAI, 1986, pp. 268-269)

A permeabilidade entre educação e trabalho descrita por Zélia Gattai em seu romance *Anarquistas graças a Deus,* era muito comum nas escolas confessionais femininas católicas. No trecho acima, que retrata o início da década de 1930, a autora demonstra a sua preocupação em continuar os estudos além da escola primária. Quando chega ao tradicional colégio de freiras, percebe que a educação gratuita oferecida restringia-se aos trabalhos de agulha e ficava em um espaço diferenciado daquele ocupado pelas meninas pagantes. Os trabalhos manuais produzidos pelas alunas pobres eram comercializados pelas freiras e os recursos arrecadados sustentavam a própria obra caritativa e educativa que empreendiam. Em contrapartida, as meninas pobres aprendiam uma atividade que poderia sustentá-las no futuro. E nada além do aprendizado do bordar, o que acarretou a frustração e o posterior abandono da escola pela romancista.

Percebe-se que, além de educar meninas das elites e pagantes, com o intuito de praticar uma ação caritativa, as instituições confessionais femininas católicas aceitavam educar e preparar para o trabalho meninas pobres ou órfãs. Esta era uma prática comum na maioria destas instituições desde o início do período moderno, variando no público assistido e no tipo de atividade ensinada de acordo com as regras da Congregação religiosa e com as necessidades do espaço de instalação da obra caritativa. No período Moderno, para além da preparação para o casamento e para a maternidade, as instituições femininas católicas, além

do preparo da instrução e da moralização, foram também responsáveis por preparar as educandas para o desenvolvimento de diversos tipos de trabalhos, principalmente domésticos e manuais. Segundo Hufton (1991), a procura por um trabalho doméstico urbano cresceu consideravelmente neste período e a passagem pelas escolas mantidas pelas religiosas assegurava alguma diferenciação no momento de pleitear uma ocupação. As instituições também eram responsáveis por ensinar trabalhos manuais, como costuras, bordados, fabricação de rendas, de flores etc. O conhecimento destas técnicas poderia assegurar um futuro trabalho feminino e a ampliação da renda familiar.

Este trabalho busca discutir as diferenças educativas no interior das instituições confessionais femininas, especialmente na preparação para atividades laborativas, ao partir da análise de uma instituição específica: o Colégio Nossa Senhora de Sion. A historiografia da educação deve atentar-se que, para além das diferenças educativas de gênero, torna-se necessário também analisar as diferenças de classes no interior das Instituições escolares. Se as escolas femininas constituíram-se diferentemente das escolas masculinas, elas também propiciaram diferenças de ensino de acordo com as classes sociais de suas educandas. Sendo assim, principalmente nas escolas confessionais vinculadas ao clero regular católico, torna-se possível verificar as diferenças na educação de meninas ricas, pagantes, e das meninas pobres, gratuitas.

O Colégio analisado nesta pesquisa foi fundado pela congregação francesa Nossa Senhora de Sion, na cidade sul mineira de Campanha e funcionou entre os anos de 1904 e 1965. A pretensão inicial da Congregação Sionense era educar meninas, na sua maioria filhas de ricos fazendeiros, vindas de todo o Estado de Minas Gerais e até de outras regiões. Eram chamadas de *Meninas de Sion*. As freiras praticavam também a ação de educar meninas pobres e geralmente da zona rural da região. Estas meninas eram chamadas de *Martas* ou *Martinhas*, em homenagem à Santa Marta. Viviam também internas no Sion e, em troca do ensino que recebiam, ajudavam na limpeza do prédio.

A história das instituições escolares faz parte de uma tendência recente das pesquisas historiográficas, especificamente dentro dos quadros de temáticas regionais. Muitas pesquisas se perdem no singular, mas salienta-se que é importante perceber o particular, sem, no entanto, perder de vista o geral. Segundo Justino Magalhães (1996), é necessário buscar uma identidade às instituições educativas. Deve-se utilizar uma linha metodológica que descreva o particular, mas que demonstre as suas relações com o contexto econômico, político, social e cultural da época e dos espaços analisados.

No intuito de pesquisar as instituições educativas, torna-se necessário caracterizar inicialmente o conceito de instituição. Segundo Dermeval Saviani (2005), são encontradas acepções diferentes para o significado da palavra instituição: pode compreender a ideia de ordenar, de articular o que está disperso; pode significar instrução e educação; pode formar ou criar algo; e, finalmente, pode aglutinar determinados procedimentos, ideias, crenças e rituais comuns. Entre diversos significados, compreende-se que "a palavra 'instituição' guarda a ideia comum de algo que não estava dado e que é criado, posto, organizado, construído pelo homem." (SAVIANI, 2005, p. 28).

Como as instituições são criadas para satisfazer determinadas necessidades humanas, elas tornam-se unidades que estão sempre em construção e transformação. Constituem-se como um sistema de práticas, com agentes e instrumentos que atinjam as finalidades esperadas. Quando se pensa em instituições educativas, trabalha-se com um emaranhado de instituições que existem em determinado espaço e tempo para a construção e ordenamento da educação de um determinado grupo social.

Paolo Nosella e Ester Buffa (2009, p.18) propõem categorias de análise para as instituições escolares. Nessa perspectiva, considera-se importante investigar: o contexto e as circunstancias especificas da criação e instalação da instituição; a arquitetura institucional; os sujeitos envolvidos na implantação e manutenção da instituição; os saberes e as práticas educativas que circulam no ambiente pesquisado; as normas disciplinares, os métodos e os instrumentos de ensino.

As pesquisas acerca das instituições educativas vêm crescendo a partir da década de 1990. Este momento caracteriza-se pela consolidação dos programas de pós-graduação e pela consequente ampliação das linhas de investigação, além da diversificação teórico-metodológica e da utilização de variadas fontes de pesquisa. Torna-se necessário apontar para um aspecto negativo de diversas pesquisas no campo das instituições educativas: a dificuldade da compreensão da totalidade. São pesquisas que aprofundam as suas investigações em aspectos micro-históricos, mas acreditam que as instituições explicam por si só e não se articulam com outras instâncias e contextos históricos.

Compreender e analisar a história de uma instituição educativa específica é situá-la na realidade de um sistema histórico maior e que articula a sua existência e o seu desenvolvimento. É analisar a instituição por meio de um jogo de escalas de níveis de observação da história. No campo teórico e metodológico, a pesquisa dialoga com a História Social, que se caracteriza como uma forma de abordagem que "prioriza a experiência humana

e os processos de diferenciação e individuação dos comportamentos e identidades coletivos — *sociais* — na explicação histórica." (CASTRO, 1997, p.54).

Pesquisar as instituições educativas é então desenvolver categorias de análise que dialoguem com o jogo de escalas proposto por Jacques Revel (1998). Para este autor, deve ocorrer uma mudança de escala de análise, ao partir de interpretações mais amplas e dialogar com conjuntos mais circunscritos, de tamanho reduzido do objeto de análise. Como trabalhar com uma instituição específica, como exemplo, uma escola confessional, sem sua ligação direta com uma instituição mais ampla, a Igreja na qual vincula-se. "Mais do que uma escala, é novamente a variação de escala que aparece aqui como fundamental" (REVEL, 1998, p.38).

Entre os diversos estudos acerca das instituições confessionais femininas, torna-se necessário inserir as especificidades da implantação do Colégio Sion em Campanha nas discussões acerca da educação feminina no século XIX. A ampliação da educação confessional feminina no século XIX aconteceu pelo movimento de fortalecimento do próprio clero feminino e da utilização das freiras como educadoras de meninas para o fortalecimento e expansão do próprio cristianismo. Esse movimento está diretamente ligado à valorização de um novo modelo religioso para as mulheres: não mais enclausuradas, consideradas de *vida perfeita*, mas agora de *vida ativa*. Segundo Paula Leonardi (2008), esse formato já existia desde o século XVII e as congregações de *vida ativa* caracterizavam-se em um misto de práticas sociais e religiosas, sendo que essas mulheres poderiam circular pelas cidades e responderiam principalmente às necessidades de auxílio aos doentes, ao cuidado de crianças órfãs e abandonadas, como também aos princípios educativos do momento. No século XIX, com a ampliação do discurso e da necessidade de escolarização feminina, em uma forma de preparação deste sexo para o mundo civilizado, as congregações de *vida ativa* fortaleceram as suas funções como também educadoras das meninas.

Conforme analisa Claude Langlois (1984), as congregações femininas conheceram um processo de expansão, especialmente na primeira metade do século XIX. Foi neste período que o catolicismo propiciou a valorização e o investimento nas congregações de vida ativa feminina, principalmente para aquelas de origem francesa. A expansão das congregadas aconteceu na Europa, mas também irradiaram as suas ações pelo restante do mundo. Essa expansão estava diretamente ligada às necessidades de ampliação da educação feminina e do catolicismo romanizado uma vez que, no século XIX, educar meninas e jovens dentro dos princípios católicos se tornava cada vez mais importante, pois posteriormente essas meninas seriam educadoras de seus filhos e da sociedade ao seu redor, dentro dos princípios do

catolicismo.

Segundo Ivan Manoel (1996), ocorreu uma preparação de agentes sociais por meio da ampliação e circulação das congregações e da educação confessional feminina no século XIX. Em um momento de perda de fiéis para a "modernidade", a ampliação das escolas confessionais fazia parte de um movimento bem planejado pela Igreja Católica de recristianização por meio da educação feminina.

> A Igreja desenvolvia, portanto, uma estratégia que podemos denominar de "teoria dos círculos concêntricos": da mãe cristã para filhos cristãos; de filhos cristãos para famílias cristãs; das famílias cristãs para a sociedade cristã. Com isso, esperava-se, em breve tempo, recristianizar toda a sociedade moderna (MANOEL, 1996, p.27).

Foi dentro deste movimento expansionista e de recristianização por meio da educação feminina que surgiu a Congregação de Nossa Senhora de Sion em Paris em 1847 e que logo irradiou as suas Irmãs de *vida ativa* pelo mundo afora. Chegaram ao Brasil em 1889 e, na pequena cidade de Campanha, no início do século XX.

2. As distinções educativas no interior das instituições confessionais femininas:

A implantação do Colégio Sion na cidade de Campanha foi uma proposta de alguns representantes políticos e também de religiosos da região, que acreditavam que havia uma carência de escolas confessionais femininas no sul de Minas Gerais. Foi escolhido um imóvel um pouco retirado da cidade e as aulas iniciaram no dia 16 de outubro de 1904. Em diversos artigos de jornais da época encontra-se a necessidade da comunidade local em privilegiar a nova escola, demonstrando que era preciso implantar na cidade uma educação voltada para o seu desenvolvimento e progresso. A instalação do Colégio na cidade ia ao encontro das ansiedades dos políticos e da elite local, pois "salvaria" a todos do "definhamento" em que se encontrava a cidade[2].

A monumentalidade do prédio também era relatada em diversos periódicos. O espaço escolar passava a exercer uma ação educativa dentro e fora dos seus limites. Ele dialogava com o espaço urbano e recebia em seu interior diversos símbolos: o relógio, o sino, as fitas, as cruzes, os boletins etc. A arquitetura escolar tinha que demonstrar respeitabilidade, admiração, prestígio, labor e disciplina. Havia também uma preocupação com a saúde e a

[2] Fonte: Jornal *A Campanha,* 19/09/1904, p.01. Acervo Centro de Estudos Campanhenses Monsenhor Lefort, Campanha/MG. (LAGE, 2007, p. 130)

higiene no espaço escolar. O ambiente escolar tinha que demonstrar a ordem da missão civilizadora republicana com as condições ideais de ar, luz, mobiliário e postura dos alunos. Nesse contexto, aliam-se com a mesma intencionalidade, educadores, médicos, higienistas e políticos. O ambiente escolar tornava-se o responsável pela melhor educação e disciplina, onde pregavam a necessidade de um afastamento do mundo externo e a reclusão no universo feminino escolar. As meninas da elite entregues às Irmãs de Sion recebiam o ensino considerado "completo" para a sua época, nos moldes europeus. Além de receber aulas de educação física, compatível com o discurso higienista de sua época, tinham também aulas de competências básicas de leitura, escrita e cálculo; diversas matérias de natureza científica e aquelas de formação moral, cívica e instrumental.

Quando o Colégio foi fundado, o objetivo da Congregação Sionense era educar moças da elite e tencionavam prepará-las para uma função específica: torná-las boas esposas e boas educadoras de seus filhos, dentro dos princípios de irradiação do catolicismo. As freiras educavam ainda as meninas pobres, as *martinhas.* Neste trabalho, interessa especificamente as relações com essas *martinhas,* que viviam também internas no Sion, e, em troca do ensino que recebiam, ajudavam principalmente na limpeza do prédio. Era comum também a presença de *martinhas* nas demais escolas mantidas pela Congregação no País, como também em escolas de outras congregações femininas.

Os defensores das escolas confessionais do período moderno acreditavam que a aceitação das crianças pobres ou desvalidas em suas escolas era um ato de caridade, além de prepará-las para futuros trabalhos e moldá-las nos princípios religiosos. Esse discurso só foi apropriado pelos defensores da escola pública com a Revolução Francesa. É importante salientar que o discurso para a escolarização dos pobres, tanto nas escolas públicas quanto nas confessionais, acarretou diferenças educativas, ou seja, essas crianças inicialmente não receberam a mesma educação das crianças mais abastadas no interior da mesma escola.

É possível detectar que a necessidade de preparação da mulher para uma boa maternidade e para um casamento adequado esteve sempre presente nos discursos acerca da ampliação da educação feminina. Dentro do discurso católico, a educação feminina serviria também como preparação para a função *sagrada* de mãe e esposa (KESSEL, 1991, p. 194). Para além da preparação para o casamento e para a maternidade, as instituições confessionais femininas foram também responsáveis por preparar as educandas para o desenvolvimento de diversos tipos de trabalhos, principalmente domésticos e manuais. Algumas ordens religiosas propunham escolas para jovens mais privilegiadas; outras para as indigentes, como as escolas

caritativas. Ainda ocorriam casos de ordens que recebiam tanto meninas de elite, como de classes populares. Este é o ponto de partida para uma generalização da educação escolar feminina, prevendo o futuro papel social que poderia ser exercido pelas educandas: mães, esposas, boas trabalhadoras e mediadoras dos princípios da Igreja Católica junto aos seus familiares (SONNET, 1991).

3. As particularidades das Petites Marthes em Campanha.

> Estando Jesus em Viagem, entrou numa aldeia, onde uma mulher, chamada Marta, o recebeu em sua casa.
> Tinha ela uma irmã por nome Maria, que se assentou aos pés do Senhor para ouvi-lo falar.
> Marta, toda preocupada na lida da casa, veio a Jesus e disse: Senhor, não te importas que minha irmã me deixe só a servir? Dize-lhe que me ajude.
> Respondeu-lhe o Senhor: Marta, Marta, andas muito inquieta e te preocupas com muitas coisas; No entanto, uma só coisa é necessária; Maria escolheu a boa parte, que não lhe será tirada (Lucas, 10, 38-42).

Esta passagem do Evangelho serve para elucidar o papel das martinhas do Colégio Nossa Senhora de Sion e a devoção a Santa Marta. Esta reclamava com Jesus Cristo de fazer todo o trabalho doméstico enquanto a sua irmã (Maria Madalena) escutava os seus ensinamentos. Mas Cristo não apoiava as reclamações de Marta, dizendo que era mais importante escutá-lo e que Maria Madalena estaria correta em sua atitude. Pode-se perceber também uma distinção nas funções das duas irmãs: enquanto uma trabalhava na limpeza doméstica, a outra aprendia os ensinamentos de Cristo. Fazendo uma analogia com as educandas do Colégio Nossa Senhora de Sion, percebe-se que a distinção de tarefas e aprendizado entre martinhas e meninas de Sion poderia acontecer, já que, ao tomar como base o Novo Testamento, este pregava certa distinção nas funções e relações femininas.

Quando se analisa um pouco mais a hagiografia de Santa Marta, a sua influência no solo francês e, especificamente, nas Congregações religiosas femininas, deve-se pensar no momento em que o culto se fortaleceu. Para Gajano (2002), a ideia geral de santidade se fortalece no Ocidente Medieval como fenômeno espiritual (expressão da busca do divino); teológico (manifestação de Deus no mundo); religioso (momento privilegiado da relação com o sobrenatural); social (fundamento das estruturas eclesiásticas e monásticas) e também político (ponto de interferência ou de coincidência da religião e do poder). A imagem de Santa Marta fortalece-se no século XII, momento em que se verifica uma ampliação geral do culto aos santos e no qual a sua biografia tomou um caráter modelador e exemplar, além de

estabelecer a passagem e morte da referida santa na França, após realizar diversos milagres no território europeu.

É interessante que se perceba a importância de santa Marta na própria medievalidade. Para *Jacopo de Varazze*, um monge dominicano italiano do século XIII, em sua obra *Legenda Aurea,* santa Marta já não era apenas uma simples hospedeira de Cristo, mas filha do governador da Síria (Ciro) e descendente de reis. Era uma mulher celibatária e já entendia a necessidade do seu serviço e a falta de trabalho de sua irmã da seguinte forma: "Esta nobre hospedeira do Senhor queria que sua irmã também se dedicasse a Ele, pois lhe parecia que nada no mundo era demais para servir a um hóspede tão importante" (VARAZZE, 2003, p. 587). Percebe-se então que o *servir a Cristo* passou a ser muito importante no século XIII, e, por isso, a reclamação de Marta em relação à irmã Maria Madalena passava a ser um exemplo para ensinar o *servir a Cristo*. É esta Marta santificada e exemplar, construída na medievalidade que torna possível a compreensão de sua instituição como protetora das meninas pobres aceitas nas escolas mantidas pela Congregação Nossa Senhora de Sion. O paradigma é a Marta francesa, metódica, obediente e que acredita na sua grande função de servir, com o seu trabalho, a Cristo.

Mas quem são essas *petites Marthes* de Campanha? Os registros sobre elas são poucos. Os artigos nos jornais pesquisados não fazem referência à ação caritativa das irmãs sionenses em educar meninas pobres. Dentro do antigo prédio onde funcionou o Colégio Sion, o espaço ocupado pelas martinhas (dormitório, lavatório e refeitório) não existe mais: aliás, é a única parte do prédio que não foi preservada. A partir dos poucos documentos encontrados sobre este assunto, valoriza-se a pequena quantidade e a qualidade destes para compreender um pouco mais esse universo das *martinhas* no Colégio Sion. No acervo particular da Congregação Nossa Senhora de Sion de Campanha foi encontrada uma caderneta com o registro dos nomes das *martinhas* que entraram no colégio desde 1905 até 1945, além de um caderno de registros diários das ações das *martinhas* de 1935 a 1937 e ainda poucas fotografias. Algumas anotações foram também encontradas no livro de registros de notas (1955) do Grupo Escolar de Campanha. Com as poucas fontes encontradas, detectou-se, então, a necessidade de complementar a pesquisa por meio dos relatos orais.

A História Oral aqui foi trabalhada como possibilidade de produzir uma fonte complementar às demais fontes encontradas. Enquanto metodologia, a história oral deve estabelecer e ordenar os procedimentos de trabalho, funcionando enquanto ponte entre a teoria e a prática. O conhecimento só é possível se forem consideradas as particularidades da

História Oral, principalmente no que concerne à subjetividade do entrevistado, pois este fala acerca da visão que possui *hoje* de um tempo passado.

Por meio dos depoimentos prestados por 07 ex-martinhas que passaram em épocas distintas pelo Colégio Nossa Senhora de Sion, torna-se possível notar a presença delas e sua relação com as freiras, o que pode ser distinguida em duas fases: da instituição da escola até meados da década de 50; e deste momento até o fechamento do Colégio. A primeira fase foi caracterizada por uma educação voltada principalmente para a instrução moral e do aprendizado de trabalhos manuais para as *martinhas*. Através dos relatos descobre-se que as freiras tinham a preocupação em trabalhar questões de cunho moral, mas não pretendiam a educação escolar formal. A segunda fase instaura-se quando a diretora do Grupo Escolar da Campanha propôs oferecer o Ensino Primário para as *martinhas* na década de 1950. Foram, então, montadas duas salas de aula: uma que oferecia o ensino relativo à 1ª e à 2ª séries, e outra que contemplava a 3ª e a 4ª séries. A partir desse momento essas meninas passaram a receber um ensino público, e que utilizava o espaço privado do Colégio Sion. Dessa forma, o público e o privado se mesclavam. As irmãs continuavam ensinando e utilizando o serviço doméstico das martinhas, que era, provavelmente, justificado como uma forma de pagamento pela hospedagem e na própria preparação destas meninas para os futuros trabalhos domésticos.

Na interseção da análise dos documentos, percebe-se que as meninas realizavam diversos serviços dentro do Colégio: trabalhavam na rouparia, na limpeza dos quartos, dos banheiros, da cozinha etc. O tempo de trabalho ao longo do dia era superior ao tempo de estudos, pois as mesmas dedicavam, em média, apenas três horas diárias para esta última atividade. Os espaços ocupados por elas também eram diversos em relação aos espaços ocupados pelas *meninas de Sion* — os dormitórios, o refeitório, os banheiros e até as salas de aula eram separados.

As *martinhas*, contudo, não foram as únicas que trabalharam na limpeza e organização do Colégio Sion de Campanha. Havia ainda algumas "moças de serviço", que recebiam salários, e as freiras "de coro", aquelas que tinham sido *martinhas* anteriormente, que também realizavam serviços manuais e orientavam a organização da Casa, além de algumas pessoas encarregadas da manutenção dos jardins, das hortas, etc. Mas verifica-se que a presença das *martinhas* no Colégio Nossa Senhora de Sion em Campanha foi constante e primordial para o bom funcionamento da Casa no período de funcionamento da instituição.

Elas estiveram sempre presentes, variando seu número ao longo do tempo em que o

Colégio funcionou em Campanha. Através das anotações feitas por uma freira em uma pequena caderneta[3] é possível fazer um levantamento do total de *martinhas* que passaram pela Instituição desde 1905 até 1945: 481 meninas. Essa caderneta não só fornece o nome das meninas que entraram ano a ano na Instituição, mas, ao lado de cada nome, o período em que permaneceram por lá. Algumas tiveram uma passagem rápida, somente dias ou semanas, mas outras ficaram muitos anos, ou demonstraram vocação religiosa e se tornaram *freiras de coro*. O número de martinhas não era proporcional ao número de meninas de Sion. As primeiras nunca superariam a quantidade de 50 anualmente, sendo que este número variava de acordo com as necessidades das irmãs e também com o interesse de permanência por parte das martinhas na Instituição. Tal permanência dependia da possibilidade de adaptação ao estilo de vida proposto pelas freiras.

Algumas dessas meninas amaram e outras odiaram estar no Colégio Sion. Ao serem questionadas se gostaram de ser *martinha*, as depoentes geralmente afirmaram que sim, mas que haviam trabalhado demais no Colégio. Por meio dos depoimentos, é possível investigar sobre o dia-a-dia dessas meninas e perceber que o tempo de trabalho era maior do que o tempo de estudos. Com pequenas alterações, o dia das martinhas começava da seguinte forma: acordavam cedo, variando entre 5 e 5:30 da manhã. Faziam a higiene pessoal e assistiam à missa.

Durante todo o período da manhã as *martinhas* realizavam diversas tarefas domésticas, dependendo do setor ao qual fora designada. Ao longo da estada das meninas na Instituição, elas deveriam aprender diversas atividades. Nunca ficavam por muito tempo com um único serviço. Acontecia um tipo de rodízio, preparando assim essas meninas para um futuro trabalho doméstico, dentro das regras e da ordem sionense. Deveriam ser preparadas para todas as atividades necessárias a uma mãe de família pobre ou também como uma possível e futura empregada doméstica. No caderno de notas e atividades referente aos anos de 1935 a 1937[4], percebe-se essa divisão de tarefas entre as meninas. Cada uma exercia funções diferentes ao longo de sua jornada. Ficavam em um período exercendo essas funções e, depois, seriam remanejadas para outra função.

Quadro 01 - Divisão do trabalho das martinhas pela manhã

[3]Acervo particular da Congregação Nossa Senhora de Sion/Campanha
[4]Acervo particular da Congregação Nossa Senhora de Sion / Campanha

Nome da Martinha	***Atividade depois da missa***	***08:00***	***Restante da jornada***
Rosário	Sala "Santa Cecília"	capela	Cozinha
Benedita	Dormitório "Branco"	-	Cozinha
Elzira	Refeitório das pensionistas		Refeitório das pensionistas
Lygia	Refeitório das pensionistas		Refeitório das pensionistas
Arminda	Dormitório das Martinhas		Lavanderia
Isabel	Dormitório grande		Rouparia
Juliana	Capela	Capela	Lavanderia
Georgina	Claraboia		Repassagem
Gesuarda	Dormitório do corredor		Costura infantil
Francisca	Refeitório infantil		Costura infantil
Antonia	Dormitório "Multicor"		Lavanderia
Elvira	Dormitório corredor		Lavanderia
Philomena	Dormitório corredor		Costura infantil
Carminha	Dormitório corredor		Costura infantil
Nair	Classe "Branca"		Sala de banho
Maria de Jesus	Dormitório corredor		Cozinha
Emerentina	Dormitório "Vermelho"		Cozinha
Inez	Dormitório corredor	Capela	Repassagem
Francisca	Refeitório infantil		Refeitório infantil
Maria da Glória	Sala "Santa Cecília"	Capela	Repassagem
Belinha	Dormitório das Martinhas		Lavanderia
Glorinha	Dormitório corredor		Cozinha
Geralda	Dormitório "Multicor"		Costura
Jovina	Entrada (Parlatório)		Lavanderia

Fonte: Caderno de notas e atividades das Martinhas, 1935/1937 – acervo CNSS/ Campanha

Na análise do quadro acima, percebe-se que inicialmente as *martinhas* ficavam encarregadas da limpeza das salas de aula e dormitórios, como também da preparação do café da manhã das *meninas de Sion.* Toda esta atividade acontecia após a missa das *martinhas* e enquanto era realizada a missa das *meninas de Sion*. Após esse momento, algumas *martinhas* deveriam limpar a capela e outras iam para os serviços de costura, lavagem, cozinha, repassagem, limpeza do banheiro e organização dos refeitórios. Às 11 e meia da manhã todas paravam seus afazeres domésticos e almoçavam.

Segundo todas as depoentes dos relatos orais, não havia qualquer diferença na alimentação. Freiras, *martinhas* e *meninas de Sion* recebiam o mesmo alimento. As entrevistadas não sentiram diferenças na alimentação fornecida, mas apontaram alguns

caminhos para a percepção das desigualdades: o refeitório separado, o que restava do almoço das *meninas de Sion* poderia ir para o jantar delas e, também, a forma de servir a comida. Deve-se pensar também a origem social dessas meninas. Para muitas *martinhas* essa era a única chance de uma alimentação saudável, já que algumas provinham de famílias muito humildes. A maioria era originária da zona rural de Campanha e cidades vizinhas. Junto às freiras, essas meninas seriam mais fáceis de adaptação ao mundo do trabalho, já que estavam acostumadas a exercer atividades domésticas em suas respectivas casas. Do lado das meninas, talvez essa fosse a única chance de educação escolar, já que as escolas ficavam muito distantes de suas casas.

Segundo os relatos, percebe-se que havia diferenças entre as próprias *martinhas.* Algumas delas recebiam pequenos presentes quando eram visitadas por seus familiares, especialmente alimentos. Esses presentes poderiam ser compartilhados com as outras internas, significando, assim, um poder de troca, de barganha e ascensão entre elas. Muitas utilizavam dessa barganha para ganhar a amizade das *anjas*, as *martinhas* que possuíam mais tempo na casa e que tornavam-se tanto responsáveis por ensinar o serviço, quanto por controlar as atitudes das ingressantes. Segundo as depoentes, algumas dessas *anjas* abusavam de autoridade, do poder de mando e de controle, principalmente durante as refeições, quando controlavam os deslizes das mais novas à mesa.

Após o almoço, havia um tempo de trabalho anterior às aulas da tarde, pois era necessário ainda lavar as louças do almoço de toda a instituição. Segundo os relatos, o tempo utilizado para o ensino variava, mas nunca ultrapassava três horas diárias.

É necessário, então, fazer uma distinção entre as entrevistadas: aquelas que estudaram anteriormente a 1954/1955 e as que estudaram a partir deste período. Anteriormente à década de 1950, eram as próprias freiras que lecionavam para as *martinhas.* Não havia, contudo, uma necessidade da formalização do ensino. Isso pode ser visto até mesmo pela falta de anotações sobre essa atividade nas fontes consultadas. As entrevistadas que frequentaram o colégio no período anterior à década de 1950 queixam-se de não ter recebido um diploma. A educação era de caráter moralizante e importava mais as atividades laborativas do que a integração de um currículo das primeiras letras.

Na caderneta de 1935/1937[5], foram registradas diariamente as atividades das meninas quanto ao trabalho realizado. Segundo o referido documento, entre os dias 8 de abril até 22 de setembro de 1935, as meninas foram analisadas seguindo os seguintes critérios e partindo do

[5]Acervo particular Congregação Nossa Senhora de Sion/ Campanha.

melhor para o pior conceito: perfeito, ótimo, muito bom, bom, sofrível, "quebrou algo" e "não merece a cruz". Quebrar qualquer objeto era considerado uma falta muito grave e, como exemplo, consta na caderneta as seguintes observações: a martinha Antonieta quebrou uma tigela e uma xícara; Maria do Rosário quebrou um prato. Além destas observações, elas não foram dignas de nenhum outro conceito. As anotações das atividades das martinhas eram segundo o critério do trabalho, e não acerca de seus rendimentos escolares.

Comparando os conceitos semanais das alunas nos anos de 1935 a 1937, pode-se chegar à conclusão de que poucas eram consideradas "perfeitas" e a grande maioria recebia o conceito "bom" ou "muito bom". Mas muitas também "não mereciam a cruz". Tal fato significava que a aluna não poderia portar uma cruz no pescoço em um determinado período, o qual variava de acordo com a gravidade da falta cometida. Quem perdia a cruz ficava marcada visivelmente diante de suas companheiras. A martinha Annita perdeu a cruz por oito vezes entre os anos de 1935 e 1937, e a caderneta informava ainda que esta menina "não guardava silêncio". Esta era uma falta considerada gravíssima, pois a conversa só poderia acontecer em alguns horários e eram sempre vigiadas pelas freiras ou pelas "anjas".

As penalidades variavam de acordo com a infração, mas a mais comum era a punição por falar fora de hora. Segundo algumas entrevistadas, durante o trabalho, só podiam falar o necessário. O horário específico para conversar era o recreio, que acontecia depois do lanche, após as aulas[6]. Comparativamente, até a quantidade de recreios das martinhas era menor, se forem levados em consideração os três recreios das *meninas de Sion*. O recreio era o momento de descontração, onde era, então, possível sair do prédio e brincar nas alamedas, mas sempre sob vigilância. Após esse momento, voltavam para o trabalho. Era necessário preparar o jantar. Após um dia permeado de atividades domésticas, as martinhas tomavam banho e dormiam às 21:00 impreterivelmente. Todos os dias seguiam a mesma rotina.

Algumas meninas podiam sair do Colégio para trabalhar na limpeza da Catedral de Campanha. Essas saídas seriam um tipo de gratificação para as mais comportadas. As depoentes lembram com alegria desses momentos em que viam outras pessoas e podiam caminhar pela cidade, no trajeto do Colégio até a Catedral (cerca de três quarteirões).

As saídas do Colégio eram comemoradas como grandes momentos de variação da rotina. No meio do ano, quando estavam sozinhas com as freiras no Colégio, tinham a comemoração do dia de *Santa Marta* (29 de julho). Geralmente era feito um piquenique com as freiras dentro das terras do Colégio e, nesse dia, como gratificação, as martinhas não

[6] O horário das aulas podia variar, de acordo com o período: entre 13:00 e 15:00; ou entre 13:30 e 16:30.

trabalhavam.

As permissões para visitas e saídas também eram diferenciadas entre *meninas de Sion* e *martinhas*. Enquanto as primeiras podiam receber visitas todo domingo e, na maioria das vezes, ter duas férias por ano, no segundo caso só podia haver uma visita mensal e também só havia férias no final do ano, quando então tinham permissão para encontrar suas famílias. Mesmo assim, só podiam sair uma semana depois das meninas de Sion, e retornavam uma semana antes, para organizar o prédio. Em muitos casos, estes eram os momentos de abandonar o Colégio, pois verifica-se que muitas não retornavam dessas férias.

Como dito anteriormente, era comum que algumas martinhas apresentassem vocação religiosa. Ao longo de todo o período de existência da Instituição, diversas dessas meninas foram enviadas para o noviciado no Colégio Sion de Petrópolis[7] ou, a partir de meados da década de 1950, para o juvenato instalado no próprio Colégio de Campanha, o qual iniciaria a preparação daquelas que apresentassem vocação. As juvenistas continuavam realizando as atividades domésticas e convivendo com as martinhas, mas passavam a ter um ensino diferenciado.

Pode-se considerar que sair da condição de pobreza, que muitas dessas meninas possuíam junto de suas famílias, e tornar-se freira seria uma forma de ascensão social. Mas entre as próprias freiras também existia uma distinção: aquelas mais preparadas que se tornavam mestras das *meninas de Sion*, denominadas *conversas*; e aquelas que foram *martinhas*, denominadas *de coro* e que se tornavam mestras de outras *martinhas*, pois possuíam a *pedagogia do trabalho.* Para a Congregação de Sion não havia qualquer problema em ter essa distinção de funções entre as freiras e explicavam este fato da seguinte forma:

> Nossa época dignificou o trabalho manual e não se duvida mais de sua grandeza essencial.
> Como toda atividade racional do homem, o trabalho é uma sorte de extensão do poder criador e providencial de Deus, e, na escala dos valores, uma cooperação na execução do plano divino. Mas, para estimar igualmente todas as tarefas materiais, para cumpri-las sempre com perfeita consciência, e ainda mais com entusiasmo e alegria, é preciso, sem dúvida, ter os olhos da alma voltados para as realidades invisíveis, julgar os valores, segundo um critério que não é o nosso da terra, mas o da fé, **aceitar uma hierarquia das ocupações,** respeitar com simplicidade e amor a autoridade, sob qualquer aspecto que se apresente. Nada disso é fácil para um espírito superficial, cheio de si, mas, próprio da alma profunda, essencialmente atenta a Deus, amiga também das manifestações da vontade divina, as mais humildes e

[7] Segundo uma caderneta que traz os nomes das martinhas que possuíam vocação, a data em que foram enviadas para Petrópolis e o nome que adotaram após a ordenação, entre os anos de 1908 e 1944, 26 destas meninas tornaram-se freiras. Acervo CNSS.

> secretas, numa palavra, de uma alma evangélica.
> Essa fé anima as Irmãs que são principalmente encarregadas dos trabalhos domésticos: enfermaria, portaria, cozinha, rouparia, lavanderia, jardinagem... São elas que, em grande parte, comunicam a cada casa a atmosfera pacífica e acolhedora de onde provém a alegria sincera, onde a oração até parece natural, onde a harmonia e as deferências mútuas parecem como brotar por si. Para isso só há necessidade de limpeza, de simplicidade, **de ordem**, e de uma organização favorável a todas as atividades particulares, à atividade geral. [...]
> Ao menos, desde já, suas Irmãs de apostolado reconhece que elas contribuam, em grande parte, para as obras mais belas da Congregação e que graças a essa **caridade ativa,** é suave viver na Casa do Senhor (MONDÉSERT, 1956, grifos meus).

As freiras preparadas para o trabalho manual das Casas e que haviam sido *martinhas* anteriormente eram julgadas necessárias para o bom andamento da Instituição. Esta necessidade partia do pressuposto de que haveria uma hierarquia das ocupações, que também ocorria em relação às *martinhas* e às *meninas de Sion*, ou até mesmo entre estas e suas *anjas*, para garantir a ordem. Não era apenas uma ordenação dos espaços, mas pode-se pensar na abrangência ainda maior: a ordenação da própria sociedade, um princípio que já era proposto desde a Antiguidade por São Paulo:

> Assim como num só corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma função, assim, (ainda que) muitos, somos um só corpo em Cristo, e cada um de nós membros uns dos outros. Mas temos dons diferentes, segundo a regra de fé; quem tem o ministério, exerça o ministério; quem tem o Dom de ensinar, ensine; quem tem o de exortar, exorte; o que reparte, faça-o com simplicidade; o que preside, faça-o solícito; o que faz obras de misericórdia, faça-as com alegria (São Paulo, Epístola aos Romanos. 13, 4–8).

No universo sionense, havia a valorização do trabalho, uma vez que as freiras e as alunas trabalhadoras eram necessárias, além, é claro, da hierarquização entre elas. Enquanto algumas tinham pouco tempo de estudo e muito tempo para trabalhar, outras tinham o contrário. Este discurso de conformidade com a função de cada um dentro do Colégio pode ser notado ainda hoje na fala da maioria das ex-martinhas.

3. Conclusão:

Nos séculos XIX e XX a escola se tornou cada vez mais "um núcleo mediador da vida social, onde se ativaram tanto integrações quanto inovações, tanto processos de reequilíbrio social quanto processos de reconstrução mais avançada ou de ruptura" (CAMBI, 1999, p.

381). A educação recebeu conotações teóricas ("orientações de valor, modelos de formação"), práticas ("estratégias e táticas"), mas também tornou-se produtora e divulgadora de ideologia. No período contemporâneo, a educação foi colocada como direito universal do homem e o trabalho, como uma atividade específica deste mesmo homem. Educação e trabalho foram reunidos em um mesmo espaço.

A educação dos futuros trabalhadores seria necessária para formar profissionais capazes, com o espírito produtivo e com espírito de "ordem". Para os trabalhadores, a difusão da educação seria considerada como uma forma de emancipação, de tomada de consciência. Neste sentido, por um lado, a capacitação das *martinhas* através da educação e do trabalho foi necessária para orientá-las e capacitá-las nessa "nova ordem" burguesa. Por outro lado, esta educação mostrou-se como única oportunidade de educação escolarizada para a maioria dessas meninas. As *martinhas* recebiam a educação em troca de seu trabalho, mas o pagamento também era menor, já que as horas de estudos eram inferiores às horas de trabalho diário. Também funcionava como uma estratégia de sobrevivência e de aprendizado dessas meninas, de adaptação a esta nova sociedade. O *microcosmo* do Colégio Nossa Senhora de Sion também refletia as relações sociais mais gerais. Era o particular refletindo o geral, de uma forma dialética, em um jogo de escalas.

A exploração do trabalho com finalidade educacional ocorreu principalmente com a oferta de educação para as *martinhas* em troca de sua preparação para o mercado doméstico. Mas esta exploração não era sentida na maioria dos casos, pois, além de já estarem habituadas ao trabalho doméstico em suas próprias casas, havia já um ideário de conformação com a sua própria situação social. Ideário que a Igreja já pregava desde a Antiguidade; bastava adaptá-lo às condições do novo mundo, valorizando o universo do trabalho e aliado à caridade cristã das Irmãs de *vida ativa* e também fortalecendo o discurso católico.

Referências:

CAMBI, Franco. **História da pedagogia.** São Paulo: UNESP, 1999.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

GAJANO, Sofia Boeschi. Santidade. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente medieval**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

GATTAI, Zélia. **Anarquistas graças a Deus**. Rio de Janeiro: Record, 1986.

HUFTON, Olwen. Mulheres, trabalho e família. In: DUBY, George e PERROT, Michele (Org.). **História das mulheres: do Renascimento à Idade Moderna.** Potto: Afrontamento, 1991.

KESSEL, Elsja Schulte van. Virgens e mães entre o céu e a terra. In: DUBY, George e PERROT, Michele (Org.). **História das mulheres: do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991.

LAGE, Ana Cristina Pereira. A instalação do Colégio Nossa Senhora de Sion em Campanha (MG): uma necessidade política, econômica e social da região sul–mineira no início do século XX. **Dissertação de mestrado em educação**. Campinas: UNICAMP, 2007.

LANGLOIS, Claude. **Le catholicisme au féminin**: les congrégations françaises à supérieure générale au XIXème siècle. Paris: Editions du Cerf, 1984.

LEONARDI, Paula. Alem dos espelhos. Memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas no Brasil. **Tese de doutorado em educação**. São Paulo, USP, 2008.

MAGALHÃES, Justino. A história das instituições educacionais em perspectiva. In: GATTI Jr., Décio e INÀCIO FILHO, Geraldo (Org.). **História da educação em perspectiva**: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**.** Uberlândia: EDUFU; Campinas: Autores Associados, 2005.

MANOEL, Ivan. **A Igreja e a educação feminina (1859-1919)**. Uma face do conservadorismo. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

MONDÉSERT, Claude. **As religiosas de Nossa Senhora de Sion.** Lion, França: M. Lescuyer et fils, 1956.

NOSELLA, Paolo e BUFFA, Ester. **Instituições escolares**. Por que e como pesquisar. Campinas, SP: Alínea, 2009.

REVEL, Jacques. Da microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.15-38.

São Lucas. 10, 38-42. Bíblia Sagrada. Disponível em: http://www.bibliacatolica.com.br/01/49/1.php. Acesso em 31 de janeiro de 2011.

São Paulo. Epístola aos Romanos. 13, 4–8. Bíblia Sagrada. Disponível em: http://www.bibliacatolica.com.br/01/52/1.php. Acesso em 31 de janeiro de 2011.

SAVIANI, Dermeval. Instituições escolares: conceitos, história, historiografia e práticas. In: **Cadernos de História da Educação**, no. 4, jan-dez. 2005, pp. 27-33. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/382 . Acesso em 02 de janeiro de 2014.

SONNET, Martine. Uma filha para educar. In: DUBY, George e PERROT, Michele (Org.). **História das mulheres: do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991. p. 141-179.

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Aurea**. Vidas de santos. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.

Recebido em 30-06-2014
Aprovado em 23-09-2014